

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

DO CINEMA À LINGUÍSTICA: REFLEXÕES SOBRE "A CHEGADA" E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Emmanuel da Cunha Nogueira, Isabela Carvalho Leite

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.13405>

Submetido em: 2025-12-11

Postado em: 2026-01-07 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

CINEMA À LINGUÍSTICA: REFLEXÕES SOBRE “A CHEGADA” E A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

FROM CINEMA TO LINGUISTICS: REFLECTIONS ON “ARRIVAL” AND BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS)

Emmanuel da Cunha Nogueira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3215-2750>

Isabela Carvalho Leite

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil.
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4163-5758>

ABSTRACT

The article analyzes the film *Arrival* (2016) from a linguistic perspective, relating the fictional language of the Heptapods to human sign languages, especially Brazilian Sign Language (Libras). The objective is to identify convergences and contrasts between science fiction and visuo-spatial linguistic realities. As methodology, the study combines an analysis of the actions of the protagonist Louise Banks — from the viewpoint of Applied Linguistics, focusing on documentation, translation, and second language acquisition — with the description of the grammatical properties of Libras, such as simultaneity, spatial use, and non-manual expressions. The results indicate that, although both languages share visual and simultaneous features, Libras does not alter the temporal perception of its speakers, whereas the alien language, inspired by the strong version of the Sapir-Whorf hypothesis, redefines the experience of time for those who acquire it. The conclusion is that *Arrival* (2016) articulates fiction and science in a coherent way, valuing the study of sign languages and reinforcing the relationship between language, cognition, and worldview perception.

Keywords: *Arrival*, Applied Linguistics, Libras, Simultaneity.

RESUMO

O artigo analisa o filme *A Chegada* (2016) a partir de uma perspectiva linguística, relacionando a língua fictícia dos *Heptapodes* às línguas de sinais humanas, especialmente a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo é identificar convergências e contrastes entre a ficção científica e realidades linguísticas visoespaciais. Como metodologia, o estudo combina a análise das ações da protagonista Louise Banks — sob o viés da Linguística Aplicada, com foco em documentação, tradução e aquisição de segunda língua — e a descrição das propriedades gramaticais da Libras, como simultaneidade, uso espacial e expressões não manuais. Os resultados indicam que, embora ambas as línguas compartilhem características visuais e simultâneas, a Libras não altera a percepção

temporal de seus falantes, enquanto o idioma alienígena, inspirado na hipótese forte de Sapir-Whorf, redefine a experiência do tempo de quem o adquire. Conclui-se que *A Chegada* (2016) articula ficção e ciência de modo coerente, valorizando o estudo das línguas de sinais e reforçando a relação entre linguagem, cognição e percepção de mundo.

Palavras-chave: *A Chegada*, Linguística Aplicada, Libras, Simultaneidade.

1 INTRODUÇÃO

O filme *A Chegada*, lançado em 2016, conta a história da linguista Louise Banks, procurada por militares para se comunicar com alienígenas que invadiram a Terra e desvendar os sinais deixados por eles, na tentativa de descobrir suas intenções no planeta. Esses sinais compõem a língua extraterrestre, que consiste, na modalidade oral, em ruídos e grunhidos, e na modalidade escrita, em símbolos circulares com começo e fim simultâneos, isto é, não lineares. O elemento linguístico do filme levanta questões profundas sobre a natureza da linguagem, seus limites e seu impacto na forma como pensamos e percebemos o mundo (Galoá, 2017).

A obra se sustenta na problemática da comunicação com o desconhecido, explorando os desafios de compreender uma língua completamente distinta das línguas humanas, tanto em sua estrutura quanto em sua lógica temporal. Todavia, a representação da língua dos chamados *Heptapodes* (os alienígenas da trama) remete a características já presentes em línguas humanas viso-espaciais, como as línguas de sinais — comumente utilizadas por comunidades surdas —, que também rompem com a linearidade típica das línguas orais, e incorporam a simultaneidade, o ponto de articulação e a expressividade facial e corporal como partes fundamentais da gramática.

Apesar de historicamente os surdos serem privados de se comunicarem através de sinais, as línguas de sinais existem há séculos. Contudo, somente em 1960, o reconhecimento linguístico e científico das línguas sinalizadas ocorreu, com

os estudos do linguista americano William Stokoe. A partir daí, os sinais passaram a ser vistos como elementos de uma língua verdadeira e que possui gramática própria (Gesser, 2009). No Brasil, apenas em 2002 a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como meio de comunicação e de expressão das comunidades de pessoas surdas no país (Brasil, 2002). Logo, o princípio da simultaneidade, por exemplo, se dá devido ao canal de comunicação que uma língua visual, como a Libras, pode proporcionar em correspondência com a língua ficcional do filme. Em contrapartida, as línguas orais-auditivas tendem a se organizar sequencialmente.

Dessa forma, este presente trabalho tem como objetivo comparar a linguagem ficcional dos *Heptapodes* com as línguas de sinais humanas, sobretudo a Libras, destacando convergências e contrastes entre a ficção e a realidade linguística e estabelecendo um diálogo entre o cinema e a linguagem. Ao contrastar os dois universos, busca-se não só analisar como o filme lida com o desafio da tradução e da aquisição de uma nova língua, mas também valorizar o estudo formal das línguas de sinais.

Como metodologia de pesquisa, o artigo será desenvolvido em duas etapas: a primeira, sob a perspectiva da Linguística Aplicada, a partir das ações da protagonista Dra. Banks, será feito um estudo de caso que investigará os processos de tradução e de decifração apresentados no filme. A segunda etapa consistirá no aprofundamento das características da Libras, sobretudo em relação a sobre a organização gramatical de uma língua viso-espacial. Por fim, ambas as análises convergirão em uma discussão comparativa, ao refletir sobre como *A Chegada* (2016) traduz em ficção científica, aspectos que já se manifestam em práticas linguísticas humanas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A perspectiva da Linguística Aplicada

Apesar de uma obra de ficção, o filme *A Chegada* (2016) retrata com maestria, e baseada em teorias relevantes e aceitas no universo linguístico, um processo de documentação de campo extremamente coeso que confere ao filme extrema credibilidade. Não se trata apenas de um longa-metragem que desconsidera nuances mais aprofundados com fins mercadológicos, mas sim de uma arte que foi idealizada de maneira a construir um cenário de fidedignidade.

A protagonista, Louise Banks, utiliza, claramente, de uma sequência de três pilares linguísticos fundamentais para compreender a língua dos *Heptapodes* (dado que o filme se baseia em um estudo de caso ficcional): a documentação de campo, a tradução intermodal e intersemiótica e a Aquisição de Segunda Língua (ASL). Serão abordados cada um dos pilares e suas influências na obra.

No momento de **documentação**, já é possível observar a complexidade do desafio, visto que a Dra. Banks é posta numa posição em que deve analisar precisamente uma língua completamente sem precedentes. Além disso, os militares (sedentos por respostas imediatas), tratam a língua como se fosse um simples “código a ser quebrado” (Maia, 2020). Uma visão desconexa com a atualidade da linguística de campo, que busca se desprender dessa visão, considerada mais arcaica, de tratar uma língua como passível de compreensão, mesmo que posta como um objeto abstrato e descontextualizado para um tradutor. Era evidentemente requerido que a protagonista estivesse em contato direto com os seres extraterrestres para progredir em suas observações. Essa tensão no filme era necessária para demonstrar ao público o choque de visões entre pessoas que interpretam a linguagem como um mero sistema formal e as que a veem como uma atividade sociocultural.

O fato da língua dos *Heptapodes* ser ágrafa (do ponto de vista humano, claro), isto é, ausente de sistema de escrita, torna o processo ainda mais complexo, forçando o trabalho a partir da observação direta e interação. São utilizados os

preceitos da elicitación, que é uma técnica de coleta de dados que fomenta que os próprios falantes nativos de uma língua, em suas comunidades, produzam os dados linguísticos (Samarin, 1967). É possível notar que, ao entrar na cápsula alienígena, Banks respeita totalmente o espaço e oferece o tempo necessário de adaptação para os *Heptapodes*. Outro exemplo de demonstração da linguística de campo na obra.

Ao chegar no momento da **tradução**, os desafios tornam-se ainda mais complexos. Ao compreender a língua *Heptapode* como um idioma semasiográfico — com símbolos que denotam significado diretamente, sem referência a sons — a situação se torna ainda mais árdua, pois não se trata mais de uma tradução entre duas línguas, mas sim de um caso de tradução intersemiótica. Também se lida com uma situação de tradução intermodal (a língua *Heptapode*, de modalidade exclusivamente visual-espacial, para o inglês e suas variadas modalidades), que é como se pode definir a tradução de uma modalidade de comunicação para outra (Segala, 2010).

Diferentemente de outras línguas de sinais humanas, como a Libras, no Brasil, a língua alienígena não possui iconicidade ou a estrutura composicional semelhante aos nossos idiomas, o que faz com que a linguista não apenas necessite por buscar equivalência na tradução, mas, na realidade, descobrir outras maneiras de associar os símbolos emitidos pelos extraterrestres. Essa dificuldade é agravada conforme Banks descobre que a escrita alienígena é não-linear, sem começo, meio e fim definidos. Não existe uma sequência como a do português (sujeito, verbo e objeto), por exemplo. É necessário que se aprenda a totalidade do conceito expresso pelo logograma, para após, buscar uma maneira de encaixar a interpretação realizada dentro do que entendemos na compreensão humana.

Finalmente, ao dominar a língua *Heptapode*, depois de muita persistência, Louise Banks enfrenta as drásticas implicações cognitivas decorrentes do aprendizado do idioma alienígena. A ideia apresentada pelo filme demonstra que,

ao adquirir a compreensão dessa língua, não apenas se adquire um novo vocabulário, mas internaliza-se uma nova concepção de realidade. Tal ideia demonstra uma clara inspiração na Hipótese de Sapir-Whorf (também conhecida como Relatividade Linguística), visto que, de maneira muito semelhante como ocorre no filme, argumenta-se que a linguagem influencia percepções, memórias e comportamentos (De Campos Silva, 2021). Dentro dessa hipótese, existem duas divisões:

A “hipótese de Sapir-Whorf”, como passou a ser chamada, combina dois princípios. O primeiro é conhecido como determinismo linguístico: afirma que a linguagem determina a nossa maneira de pensar. O segundo decorre desta, e é conhecida como o relativismo linguístico: afirma que as distinções codificadas em uma língua não são encontradas em qualquer outra língua. (Crystal, 1997 *apud* Cunha, 2012, p. 24).

O filme adota, radicalmente, a versão forte, a do determinismo linguístico. A sintaxe da língua *Heptapode* é não-linear e simultânea, porém (e nesse momento se detecta o maior trunfo do filme), não é apenas a percepção do tempo que é descrita como não-linear, é justamente o próprio efeito do tempo no falante do idioma. Quem domina o *Heptapode B* (maneira como é chamada a língua dentro do filme) adquire uma experimentação não-sequencial do tempo. O embasamento teórico que respalda cientificamente a mudança da percepção temporal após o ASL é, justamente, a versão forte da Hipótese de Sapir-Whorf.

Apesar da visão extrema desta hipótese no caso acima, podemos definir arcabouços teóricos mais convencionais que explicam como Banks se torna fluente na língua alienígena. A Teoria da Aquisição de Segunda Língua de Stephen Krashen possui duas hipóteses que se encaixam perfeitamente na trama: a Hipótese do *Input* e o Filtro Afetivo.

A primeira diz respeito a momentos em que um aprendiz de um novo idioma se vê enfrentando um “*input* compreensível”, que é ligeiramente além do seu nível de compreensão atual. Essa fórmula é chamada de *i+1*, e funcionaria porque o nível de exposição do usuário a outra língua se encontraria na medida certa que ele necessita enfrentar para adquirir a competência (Figueiredo, 1995). Louise não foi sobrecarregada com toda a língua de uma vez, mas sim a aprendeu aos poucos, na medida necessária.

Já a segunda hipótese, a do Filtro Afetivo, argumenta que variáveis sociais como ansiedade, medo, baixa confiança, entre outras, podem criar um “bloqueio” prejudicial na tentativa de internalizar a língua. Esse filtro é “um bloqueio mental que impede os indivíduos de utilizarem totalmente o *input* compreensível que eles recebem para a aquisição da língua” (Krashen, 1985, p.3 apud Figueiredo, 1995, p.52). Banks atenua esse filtro ao buscar um contato mais próximo aos *Heptapodes*, ao remover o traje de proteção contra os materiais estranhos. Sem restrições de vestimentas e objetos respiratórios, o contato se dá de maneira mais “afetuosa”, indo ao encontro das ideias de Krashen.

Por fim, existe a influência da Teoria Sociocultural de Lev Vygotsky. É ela que oferece o mecanismo sociocognitivo que “permite” a transformação da protagonista. De acordo com as ideias do autor, a aprendizagem ocorre na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que é o local entre o que um aprendiz consegue realizar de maneira autônoma e o que ele necessita da orientação de um mais experiente na situação (no caso, no *Heptapode B*), um “outro mais conhecedor”, com sigla em inglês para *More Knowledgeable Other* – MKO (SAUL, 2018). Perceber o tempo de maneira não-linear é algo que está absurdamente fora da ZDP cognitiva de qualquer ser humano. Trata-se de um conceito intangível para a mente humana. O filme, portanto, define os próprios *Heptapodes* como os MKOs, visto que através de sua linguagem eles oferecem a competência cognitiva requerida para auxiliar Banks. A questão, é que a linguagem *Heptapode* não é apenas o objeto de

estudo em si, mas na verdade a própria ferramenta de ensino que reestrutura a cognição de Louise Banks, “desbloqueando” uma maneira de conceber e enxergar o tempo inimaginável para os demais de sua espécie. O filme demonstra claramente que ela só conseguiu atingir tal potencial graças a colaboração dos *Heptapodes*, os acentuando claramente como os “outros mais conhecedores” da situação, como Vygotsky explica.

Quando se somam as ideias de Krashen e Vygotsky, percebemos que *A Chegada* possui uma densidade de ideias que vão além da experiência cinematográfica, que na realidade se trata de uma obra com uma referência teórica coesa e digna. As ideias de ambos os autores sustentam pilares lógicos da premissa de Sapir-Whorf no filme. É compreendida, de maneira fundamentada, como Banks se transforma, tornando a narrativa coerente.

2.2 A língua que ocupa espaço

Ao trazer o debate levantado acima para o aprofundamento do estudo de uma língua não oral, é possível encontrar traços existentes nas línguas humanas que se assemelham às levantadas pelo filme *A Chegada* (2016), sobretudo nas línguas de sinais. Todavia, é importante descrever alguns conceitos que perpassam as línguas sinalizadas, no caso deste trabalho, a Libras.

Em primeiro lugar, a Libras é uma língua de gramática própria que possui cinco parâmetros constituintes de sinais: a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões não manuais. A configuração de mão diz respeito ao formato da mão no momento de realização do sinal. O ponto de articulação também é chamado de localização, ou seja, se refere ao local em que o sinal é realizado, se é próximo ao corpo, no espaço neutro, na testa, dentre outros (Gesser, 2009).

O movimento é compreendido como a forma como a mão se movimenta durante a sinalização. A orientação especifica a direção para onde a mão da mão está virada quando o sinal é feito. Por último, as expressões não manuais são externas às mãos, já que a informação linguística também é produzida através dos movimentos do tronco, dos olhos, da boca, da língua etc (Gesser, 2009).

Logo, todos esses fatores em conjunto formam unidades complexas, que são os sinais das línguas sinalizadas. De acordo com Chomsky, “todas as línguas funcionam como sistemas combinatórios discretos” (Chomsky, 1995 *apud* Gesser, 2009, p. 19). A diferença está na forma em como esses sistemas combinatórios são realizados: nas línguas orais, de forma oral-auditiva, enquanto nas línguas sinalizadas na modalidade viso-espacial, com os sinais e seus respectivos parâmetros.

A língua *Heptapode B* também apresenta modalidade viso-espacial, visto que consiste em uma série de “semagramas”, isto é, símbolos escritos que comunicam uma mensagem. A sintaxe dessa língua, assim como na Libras, também é construída de forma espacial, todavia, sem base em uma língua falada. Outro aspecto em comum, característico de línguas visuais, é a flexão visual. A representação de marcas verbais, de substantivos e adjetivos, por exemplo, é determinada pela combinação de unidades de semagramas. Na Libras, isso ocorre comumente por marcações adverbiais ou também pela combinação de unidades (Quadros, Silva, Royer e Silva, 2023).

A diferença entre línguas de diferentes modalidades também está, segundo Gesser (2009), na forma como as combinações são construídas. Assim como a língua dos *Heptapodes*, a Libras, por exemplo, possui a simultaneidade como uma de suas características inerentes — além da linearidade, tendência de organização comum de unidades das línguas orais. Quadros, Silva, Royer e Silva (2023) discorrem sobre a simultaneidade:

[...] a Libras apresenta também o eixo da simultaneidade, pois além da combinação sequencial, vários elementos se combinam simultaneamente: as mãos apresentam configurações associadas à locação, à orientação, aos movimentos e às marcações não manuais de forma simultânea ao produzirem sinais e, até mesmo, orações. Além disso, existe a possibilidade de realizar sinais associados a cada mão em paralelo (Quadros, 2009 apud Quadros, Silva, Royer e Silva, 2023, p. 58).

Logo, na Libras, elementos são incorporados aos sinais para integração e contextualização do que está sendo dito. Na foto abaixo, tem-se o sinal de ÁRVORE (cf. Figura 1) realizado de forma única. Na imagem seguinte, tem-se o sinal CORTAR-ÁRVORE (cf. Figura 2), fazendo a junção do verbo “cortar” com o sinal de “árvore” já feito anteriormente. Como afirmam Quadros, Silva, Royer e Silva (2023, p. 60), a “interpretação de cada elemento incorporado é definida contextualmente, uma vez que os elementos incorporados não foram explicitados na oração”, ou seja, é importante que o sinal de “árvore” tenha sido produzido antes, para que haja contexto na construção da ação de cortar a árvore.

Figura 1 - Sinal ÁRVORE



Fonte: Letras-Libras UFRJ, 2018.

Figura 2 - Sinal CORTAR-ÁRVORE



Fonte: Letras-Libras UFRJ, 2018.

Assim também ocorre na língua dos *Heptapodes*. Todavia, a não linearidade presente na língua dos alienígenas diz respeito à percepção de tempo da espécie. Como mencionado anteriormente neste trabalho, a obra utiliza a Hipótese de Sapir-Whorf como base para a ideia de que o pensamento linguístico está diretamente ligado a forma como ele interage com a realidade. A percepção do tempo de forma linear pelos humanos convergeria com essa hipótese, já que percebemos o mundo compreendendo que o passado está atrás e o futuro à frente, e por isso, contrastaria com a linguagem *Heptapode*, que sobrepõe as noções de passado, presente e futuro.

Contudo, percebe-se que na Libras, a simultaneidade é frequente e não se refere a uma construção de tempo diferente das línguas orais. Não há uma aquisição de uma categorização de mundo que afete a percepção temporal, como tratada pelo filme, quando se adquire uma língua de sinais. Porém, o que é interessante é apontar que o filme não trás um conceito novo ao abordar uma língua não linear, visto que as línguas sinalizadas apresentam uma propriedade linguística similar.

3 DISCUSSÃO

A Libras, quando adquirida como uma segunda língua (L2) por aprendizes falantes de uma língua oral, apresenta algumas complexidades, sobretudo em relação às características inerentes a uma língua de modalidade viso-gestual. Souza menciona o quinto parâmetro — que se refere às expressões faciais ou marcações não manuais — como um dos maiores problemas encontrados por aprendizes ouvintes.

Esta questão perpassa principalmente os falantes ouvintes em função da simultaneidade das línguas sinalizadas, mencionada na fundamentação desta pesquisa. A organização estrutural da Libras inclui elementos manuais (abordados nos outros quatro parâmetros da língua de sinais) e elementos não manuais, que são produzidos paralelamente (Quadros, Karnopp, 2004 *apud* De Souza, 2017). Em contrapartida, a organização linear das línguas orais pode ser um fator que dificulte o aprendizado de uma língua nesta modalidade.

Todavia, a aquisição da L1 e da L2 pode ocorrer de três formas diferentes: a) aquisição da L1 e da L2 ao mesmo tempo; b) aquisição da L2 de forma espontânea e c) aquisição da L2 de forma sistemática. De Souza (2009) discorre sobre o processo de aquisição:

[...] a diferenciação entre aquisição da L1 e a aquisição da L2 está intrinsecamente relacionada com a forma de exposição do aprendiz. Quando uma criança é exposta à sua língua materna (L1), a aquisição ocorre de forma natural, isto é, espontânea. Por outro lado, a aquisição da L2 ocorre, muitas vezes, em um ambiente artificial e de forma sistemática, através das metodologias de ensino (Souza, 2009 *apud* De Souza, 2017, p. 3).

Sabe-se que toda criança passa pelo processo de aquisição universal da primeira língua, apresentando estágios e períodos similares. No caso de crianças surdas, com perdas auditivas profundas, quando adquirem a língua de sinais, esse processo

é semelhante ao de crianças ouvintes, contanto que dentro do período crítico de aquisição, com o *input* linguístico necessário daquela determinada língua num determinado ambiente. Todavia, na aquisição de uma segunda língua, o processo costuma ocorrer de forma não natural, isto é, o caso C.

Em relação a linearidade das línguas orais, falantes ouvintes tendem a transferir para a Libras estratégias próprias de línguas orais-auditivas, como a necessidade de organizar as informações de modo sequencial. Isso pode gerar dificuldades em compreender e produzir estruturas simultâneas da Libras, nas quais elementos manuais e não manuais se sobrepõem para compor significados completos. Tal fenômeno chamado “transferência” ocorre, por exemplo, quando aprendizes tentam expressar em sinais uma frase inteira do português, mantendo a mesma ordem e ignorando a possibilidade de uso espacial ou de marcações não manuais, características centrais da gramática da Libras.

Para os aprendizes ouvintes de Libras como L2, essa característica exige uma reorganização cognitiva. Muitos estudantes tendem, no início do processo de aprendizagem, a sinalizar “palavra por palavra”, como se a Libras fosse uma tradução direta da língua portuguesa, sem explorar a simultaneidade. Um exemplo disso é a utilização das expressões faciais para marcar interrogativas: em Libras: perguntas de resposta sim/não são sinalizadas ao mesmo tempo em que se erguem as sobrancelhas, recurso que funciona como operador sintático, mas que não possui um equivalente direto no português.

Logo, a simultaneidade não é apenas uma diferença formal, mas um traço estrutural que desafia aprendizes ouvintes a expandirem sua percepção linguística, passando de um modelo sequencial para um modelo viso-espacial, no qual vários níveis de informação se articulam de forma integrada.

No filme, a Dra. Banks também adquire o *Heptapode B* como segunda língua. Esse fator é crucial para toda a trama, visto que a compreensão de tempo, que é o grande foco da obra, é afetada de maneira substancial em decorrência da

aprendizagem da língua extraterrestre. Isso se dá, como já debatido anteriormente, pelo fato do filme se basear no Determinismo Linguístico, na hipótese forte de Sapir-Whorf.

Para se permitir chegar nesse estágio de compreensão da língua em questão, a protagonista necessitou se permitir estar mais próxima aos seres vistos como “os outros”. O filme demonstrou, na prática, uma das ideias cruciais de Krashen, que é a questão do *input* compreensível. Ao se colocar num mesmo “patamar” dos desconhecidos, Louise acabou por “destravar” um bloqueio que a impedia de prosseguir na aquisição do idioma. Era necessário que a empatia vencesse a angústia e o medo do contato, pois isso gera uma barreira no que concerne ao aprendizado de uma linguagem de uma cultura completamente inédita.

Após conseguir a capacidade de compreensão do idioma dos *Heptapodes*, Banks passou por um processo de recordar momentos distintos de sua vida. Se lembrava de quando estava junto com seu antigo esposo, ao mesmo tempo em que vivenciava a dor da morte da pequena filha. Tudo isso, concomitantemente à tarefa de decifrar os “códigos” oferecidos pelos alienígenas. Essas situações ocorreram pelo fato do filme (e aqui se volta a Sapir-Whorf) tratar que, ao se passar a conceber a linguagem extraterrestre, também se adquire a capacidade de compreensão de tempo dos *Heptapodes*. Isso, a princípio, se torna um dificultador na vida da protagonista, porém, com o passar das experiências, a Doutora passa a compreender a maneira de lidar com o passar não-sequencial do tempo, inclusive, utilizando a possibilidade a seu favor.

A junção das ideias de Krashen e Sapir-Whorf se demonstra extremamente bem-sucedida no que trata do embasamento teórico para sustentação da teoria da obra. Trata-se de um filme que não apenas “apela” para a audiência com recursos pirotécnicos ou definições frágeis, mas na verdade, *A Chegada* (2016) é uma obra que se sustenta, e seu sucesso se explica tanto de pontos de vista puramente cinematográficos quanto pela visão científica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que *A Chegada* (2016) é uma obra com grande compromisso científico, além de se demonstrar uma opção de entretenimento para os espectadores que buscam um lazer sadio. O arcabouço teórico da obra a justifica como embasada cientificamente, e todos os desdobramentos dentro de si, a defendem como opção de entretenimento.

Neste artigo foram vistas possíveis comparações entre a língua *Heptapode* e a Libras, e se notou que, apesar de se tratar de idiomas visuais, distinções notáveis estão presentes entre as línguas (com destaque no fato da Língua Brasileira de Sinais não alterar a percepção temporal dos seus falantes, diferentemente do idioma fictício). Simultaneamente, é importante se traçar um paralelo com um idioma visual reconhecido pela maioria do público, com intuito de familiarização com o *Heptapode B*, mesmo para os que não assistiram o filme antes desta leitura.

As ideias de Krashen e Sapir-Whorf trazem a compreensão do incompreensível, tornando possível conceber a ideia de tempo não-linear dos alienígenas para os seres humanos, que estão acostumados com a linearidade. Trazer um tipo de compreensão praticamente sem precedentes se trata de um desafio, porém ele é bem executado, através das ideias teóricas bem sustentadas e da transposição destas para a tela do cinema.

REFERÊNCIAS

A CHEGADA. Direção: Denis Villeneuve. Produção: Shawn Levy, Dan Levine, Aaron Ryder

e David Linde. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2016. 1 DVD (116 min).

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais -

Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 de abril de 2002.

CUNHA, Adan Phelipe. A emergência da hipótese do relativismo linguístico em Edward Sapir (1884-1939). **Universidade de São Paulo, Brasil**, 2012.

DE CAMPOS SILVA, Orilzo. LINGUÍSTICA E CINEMA: A HIPÓTESE SAPIR-WHORF PRESENTE NO FILME “A CHEGADA” E REFLEXÕES SOBRE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NO CONTEMPORÂNEO. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (2238-3565)**, v. 10, n. 6, p. 1-11, 2021.

DE SOUZA, Diego Teixeira. As Dificuldades Encontradas por ouvintes na aquisição da Libras como L2 e a interferência da marcação não-manual na mudança **Revista Fórum (INES)**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 1-17, jan-jun 2017. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/src/11.pdf> >. Acesso em: 02 set. 2025.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Aquisição e Aprendizagem de Segunda Língua**. In: Revista Signótica 7, Goiânia: Ed.da UFG, Jan – Dez, 1995.

FRIZZO, Celina Eliane; O processo de aquisição e aprendizagem de línguas e o bilinguismo. **TCC**, Universidade Regional Do Noroeste Do Estado Do Rio Grande Do Sul. Ijuí, Rio Grande do Sul. 2013. 55p.

GALOÁ, Equipe. “A Chegada” traz sensibilidade e história cativante à ficção científica. **Galoá**, 2017. Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/chegada-traz-sensibilidade-e-historia-cativante-ficcao-cientifica/>. Acesso em: 02 set. 2025.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?:** Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MAIA, Caroline Marques. A linguagem e a comunicação: reflexões sobre o filme “A Chegada”. **Mindflow – Divulgando a divulgação científica**, 8 set. 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mindflow/a-linguagem-e-a-comunicacao-reflexoes-sobre-o-filme-a-chegada/>. Acesso em: 30 ago. 2025.

LETRAS-Libras UFRJ. Piada em Libras - 01 - O Lenhador e a Árvore Surda. **YouTube**, 30 ago. 2018. 2min55s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wiyQr6Fb2pg>. Acesso em: 02 set. 2025.

QUADROS, Ronice M. de; SILVA, Jair B. de; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius R. da [orgs.]. **Gramática da Libras**: volume 2. Rio de Janeiro : Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

SAMARIN, William J. **Field linguistics**: A guide to linguistic field work. 1967.

SAUL, M. Lev Vygotsky. **Retrieved February**, v. 10, p. 2019, 2018.

SEGALA, Rimar. Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: português escrito para a língua de sinais. **Dissertação** (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Buffalo: University of Buffalo, 1960.

Declaração de contribuição dos autores

Emmanuel da Cunha Nogueira: Conceituação; Metodologia; Análise formal; Redação.

Isabela Carvalho Leite: Conceituação; Metodologia; Análise formal; Redação.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.